

**EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E CURRÍCULO CRÍTICO:  
enfrentamento às epistemologias dominantes e construção de uma educação  
libertadora**

**QUILOMBOLA EDUCATION AND CRITICAL CURRICULUM:  
confronting dominant epistemologies and building a liberating education**

Ligia Marise Lima Costa<sup>1</sup>  
Maria Evelyana Alves de Araujo

**INTRODUÇÃO**

A escola reflete as contradições da sociedade e, no Brasil, contribui para a marginalização histórica dos povos quilombolas. O currículo, longe de ser neutro, muitas vezes exclui saberes e identidades negras, reforçando epistemologias dominantes. A Teoria Crítica do Currículo propõe a análise e transformação dessas estruturas, visando uma educação emancipatória. Este trabalho tem como objetivo discutir a importância de um currículo crítico nas escolas quilombolas, articulando essa abordagem com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNs-EEQ, 2012) e com aportes teóricos que valorizam os saberes ancestrais e os territórios quilombolas como espaços de resistência. Por meio de revisão bibliográfica, busca-se demonstrar que a educação quilombola pode ser um espaço de construção de um currículo inclusivo, que confronte o racismo e valorize as culturas negras. As DCNs-EEQ são vistas como instrumento essencial para uma prática pedagógica transformadora, que reconhece a escola como lugar de luta e afirmação das identidades quilombolas.

**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A fundamentação teórica está ancorada na Teoria Crítica do Currículo, com base nos estudos de Michael Apple (2006) e Henry Giroux (1986), bem como em aportes de Paulo Freire (1970), Boaventura de S. Santos (2009). Esses autores sustentam uma compreensão da educação como prática política e cultural, em constante disputa por hegemonia e poder, indicando que o currículo não é neutro. De relevante apoio ao que se propõe, são estudos de Nilma Lino Gomes (2003, 2011, 2017), embasados em perspectiva antirracista, afrocentrada e decolonial. Apple e Giroux entendem o currículo como um

---

<sup>1</sup> [ligiamarise.costa@gmai.com](mailto:ligiamarise.costa@gmai.com) ; PUC Minas Campus Coração Eucarístico

dispositivo ideológico que reforça as estruturas sociais e econômicas dominantes. Para Apple (2006), a escola atua como um mecanismo de distribuição cultural que privilegia determinados grupos sociais ao selecionar o que é considerado conhecimento legítimo. Giroux (1986), por sua vez, propõe uma pedagogia crítica que questione essas seleções curriculares e promova a formação de sujeitos críticos e emancipados. Paulo Freire, com sua Pedagogia do Oprimido, contribui com a ideia de que a educação deve partir da realidade dos sujeitos e promover a conscientização, superando o modelo bancário de ensino. Ele defende uma prática educativa libertadora que reconhece a cultura popular como fonte legítima de saber. Boaventura de Sousa Santos (2009) complementa ao denunciar o epistemicídio, ou seja, o apagamento sistemático dos saberes produzidos por povos não ocidentais, como indígenas e africanos, imposto pela modernidade ocidental. Por fim, os escritos de Nilma Lino Gomes (2003, 2011, 2017) oferecem base teórica e política para pensar a Educação Escolar Quilombola como um campo de resistência e afirmação identitária. Sua “pedagogia das ausências”, evidencia como o currículo tradicional invisibiliza os saberes negros e reforça estereótipos, defendendo a construção de um currículo fundado nas memórias, culturas e territórios quilombolas. Essa base teórica sustenta a análise proposta neste trabalho ao articular o Currículo Crítico às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (DCNs-EEQ, Brasil, 2012). As diretrizes são compreendidas aqui como um modelo curricular contra hegemônico, que rompe com o eurocentrismo curricular e possibilita uma educação emancipadora, contextualizada e antirracista, alinhada aos princípios da justiça cognitiva e da valorização dos saberes ancestrais.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho configura-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com ênfase na análise teórico-documental, construída a partir de um percurso investigativo que visa compreender e problematizar os fundamentos da Educação Escolar Quilombola à luz da Teoria Crítica do Currículo. O estudo não pretende apenas descrever normas ou apresentar dados empíricos, mas analisar criticamente os sentidos, limites e possibilidades do currículo escolar nas comunidades quilombolas, a partir de um referencial teórico comprometido com a justiça social, a valorização das epistemologias negras e a superação das desigualdades educacionais. Os procedimentos metodológicos adotados baseiam-se na análise bibliográfica da Teoria Crítica do Currículo, com ênfase nas contribuições de

Apple, Giroux e Freire, que discutem o currículo como espaço de disputa entre reprodução e transformação social. Também inclui o estudo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNs-EEQ), analisadas em articulação com as demandas do Movimento Negro e os pressupostos da teoria crítica. Destaca-se ainda a produção da professora Nilma Lino Gomes, referência central por sua atuação teórica e política na construção das diretrizes, além do diálogo com autores decoloniais, como Boaventura de Sousa Santos, cujas ideias sobre epistemicídio e justiça cognitiva ajudam a repensar o currículo sob uma perspectiva antirracista e emancipadora. A pesquisa parte do reconhecimento de que o currículo não é neutro, sendo um campo de disputas simbólicas, ideológicas e políticas. Por isso, optou-se por um enfoque teórico-analítico, que permite interpretar os documentos e referenciais à luz de um projeto educativo emancipatório, comprometido com a valorização das memórias, saberes e práticas culturais das comunidades quilombolas. Por fim, esta metodologia se ancora em um compromisso político-epistemológico com a educação antirracista, com a superação das desigualdades históricas impostas à população negra e com a afirmação de uma escola como espaço de resistência e transformação social.

## **DISCUSSÃO E/OU RESULTADOS**

A análise realizada, à luz da Teoria Crítica do Currículo, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNs-EEQ) e dos aportes de autores como Nilma Lino Gomes e Boaventura de Sousa Santos, revela que a Educação Escolar Quilombola representa uma importante ruptura com o currículo tradicional, marcado por uma lógica eurocêntrica, homogeneizante e excluente. O estudo demonstra que as DCNs-EEQ constituem não apenas um documento normativo, mas uma proposta político-pedagógica de resistência e afirmação das comunidades quilombolas como sujeitos históricos, detentores de saberes legítimos. A relevância da articulação entre o currículo crítico e a Educação Escolar Quilombola reside na possibilidade de transformação curricular a partir dos territórios e das epistemologias negras, historicamente silenciadas nos processos educacionais. Ao propor uma educação ancorada nas práticas culturais, nos modos de vida e nas resistências dos quilombolas, o currículo deixa de ser instrumento de reprodução e passa a ser ferramenta de emancipação, justiça cognitiva e reparação histórica. Entre as vantagens dessa proposta, destacam-se, a valorização dos saberes ancestrais e da identidade quilombola; o

fortalecimento do vínculo entre escola e comunidade; a promoção de uma pedagogia antirracista, plural e contextualizada; a construção de sujeitos críticos e socialmente comprometidos. Contudo, há limitações e desafios a serem considerados, como por exemplo, a resistência institucional à implementação de um currículo não hegemônico; a escassez de formação docente adequada para atuar com base nas DCNs-EEQ; a falta de infraestrutura e políticas públicas consistentes para garantir o funcionamento pleno das escolas quilombolas e a necessidade de constante diálogo entre as comunidades, os sistemas de ensino e os formuladores de políticas educacionais, para que os princípios das diretrizes sejam efetivamente vividos no cotidiano escolar. Assim, embora as DCNs-EEQ representem um avanço histórico e político fundamental, sua concretização plena depende de engajamento coletivo, vontade política e investimentos estruturais. O currículo, como espaço de disputa, precisa ser permanentemente tensionado e reescrito a partir das vozes historicamente excluídas. Nesse sentido, a Educação Escolar Quilombola, ancorada na Teoria Crítica do Currículo, não apenas resiste, ela (re)existe como uma nova possibilidade de projeto civilizatório, pedagógico e social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que a Educação Escolar Quilombola, fundada nas DCNs-EEQ, em confluência com a Teoria Crítica do Currículo, representa uma ruptura com o currículo epistemológico eurocentrado e tradicional. Os saberes ancestrais e a justiça cognitiva, constituem-se como prática educativa emancipadora e antirracista. Suas potencialidades são evidentes, mas sua efetivação exige compromisso político, formação docente crítica e fortalecimento do vínculo entre escola e comunidade quilombola.

**Palavras-chave:** Teoria Crítica do Currículo; Currículo Crítico Decolonial; Epistemologias Contra hegemônicas;

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB nº 16/2012, de 5 de junho de 2012.** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília, 2012.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico 2022**. População e domicílios: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 16 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 08, de 20 de novembro de 2012**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 21 nov. 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GIROUX, Henry A. **Professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores: repensando caminhos. In: LOPES, Eliane Cavalleiro (org.). **Reflexões sobre relações raciais e educação**. Brasília: MEC/UNESCO, 2003. p. 67–74.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Políticas da diferença e educação: o desafio da pedagogia quilombola. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e (org.). **Educação das relações étnico-raciais**: desafios e perspectivas. Brasília: MEC, 2011. p. 47–52.

PPLE, Michael W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009.